

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,570 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anúncios, 20 réis por linha—Correspondência não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3,000 réis — Semestre, 1,500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 22

SEXTA-FEIRA 13 DE SETEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

## EXEQUIAS DE CAVOUR.

Ha talvez quem se espante de ainda yêr ventilar esta questão das exequias do finado conde de Cavour, que alguns jornaes annunciaram como resolvida pelo eminentissimo patriarcha, a aprasimento da commissão que impetrava licença para ellas, e que se propunha celebral-as em um dos templos da capital com todas as pompas da liturgia catholica.

Todavia a questão existe como no principio. Recrudescu, talvez; porque o despacho de s. eminencia não resolve, antes complica a questão. O desejo dos italianos continúa a ter diante de si os mesmos obstaculos, e, segundo todas as probabilidades, não terão logar as exequias, para que se impetrava licença.

O prelado lisbonense concede a permissão para se suffragar a alma do conde de Cavour, deixando á consciencia do clero aproveitar-se ou não da permissão concedida. A interpretação destas palavras é facil: s. eminencia entende que as exequias não devem ter logar, mas deixa ao clero da sua diocese a responsabilidade de as fazer segundo os escrupulos da sua consciencia.

Primeiramente parece-nos isto pouco claro, e portanto pouco conforme com a auctoridade prelatia. Os bispos que, como diz S. Paulo, foram estabelecidos pelo Espirito Santo para governar a igreja de Deus, tem jurisdicção immediata sobre o clero das suas respectivas dioceses; e em materias de disciplina e de culto, não pôde seguramente exigir-se que os simples párochos obrem contra a opinião do seu prelado.

A opinião do eminentissimo cardeal patriarcha a respeito da celebração das exequias não é desconhecida de ninguém. Existem testemunhos evidentes della. Os párochos da capital não podem mesmo fingir ignoral-a, porque já um delles foi advertido por s. eminencia. Que folego pois se deixa á consciencia do sacerdote quando o pastor em uma materia, tanto da sua dependencia, assim manifesta o seu parecer?

Parecia-nos pois ainda mais digno, e mais proprio do elevado caracter de tão venerando principe da igreja lusitana continuar a sustentar o *non possumus*, do que appellar para um expediente que, ou não resolve a questão, ou a deixa em muito peor terreno do que já estava. Se houver um párocho, um sacerdote, que se atrigue a celebrar as exequias não estará a sua consciencia em manifesto desacordo com a do seu superior ecclesiastico? Não será isto um conflicto de consciencias, onde deve haver unidade e accordo, originando-se d'aquí um terrivel precedente na disciplina da igreja?

Se não se houvesse consultado primeiro a opinião de s. eminencia, variavam as circunstancias e portanto o aspecto da questão. Qualquer

párocho podia fazer celebrar na sua igreja umas exequias por alma do conde de Cavour, como por alma de qualquer outro christão, se a sua consciencia não encontrasse nisso escrupulos, nem lhe apontasse differenças. Mas depois da negativa do prelado, a sua aquiescencia é quasi uma censura, e talvez uma desobediencia.

Por outro lado figura-se-nos ainda que ha certa debilidade moral em encapotar uma decisão que, nas alturas da missão prelatia, devia ser franca e desassombada de receios. Entende ou não s. eminencia que as exequias não podem ter logar?

Em qualquer dos casos, a responsabilidade da decisão deve ser toda sua, e realmente o é, uma vez submettido o negocio ao seu elevado juize. Se entende que as exequias devem ter logar, conceda s. eminencia a licença pedida; no caso contrario, negue-a abertamente. Uma meia opinião, nestes e semelhantes assumptos, mormente depois de a ter manifestado inteira, é que não pode admitir-se d'um tão alto prelado da igreja.

Pois hade um simples párocho assumir uma responsabilidade que s. eminencia não quer para si? Que flagrante subversão de todas as leis da hierarchia ecclesiastica!

Não queremos saber se o clero da diocese de Lisboa foi particularmente intimado para não celebrar as exequias. Escusava sel-o. Fazemos-lhe a justiça de acreditar que sabe o que lhe cumpre fazer neste caso. Se a primeira dignidade ecclesiastica não quer semelhante responsabilidade, os que até ali se haviam negado a suffragar por alma de Cavour, menos o fariam agora. Pelo menos esta é a logica.

Não temos intenção de discutir agora se as exequias podiam ou deviam celebrar-se. Quanto a nós essa questão esta completamente resolvida, até pelo silencio, ou pelas tergiversações significativas dos que pretendiam sustentar a inconveniencia d'ellas. Tem-se apresentado do lado dos que defendem a pretensão da commissão italiana, argumentos, que ainda não obtiveram resposta seria, e que presumimos que a não tem.

Quanto aos escrupulos de s. eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa, respeitamol-os tão profundamente como a sua dignidade de principe e prelado da igreja. Sabemos bem—graças a Deus!—o acatamento que devemos aos successores dos apóstolos sobre a terra, como filho obediente que nos presamos de ser da igreja catholica.

Mas s. eminencia, apesar das suas luses e da sua elevada posição, esta sujeito a errar como todos os mortaes, porque infalivel só é a nossa mai commum, a igreja,—e não pode de certo extranhar que discutam os seus actos, principalmente n'aquillo que elles tem de mais sujeito á apreciação dos homens.

Sentimos pois que se levantasse esta questão que tem concitado contra si todos os brados da opinião, e despertado todos os eccos da imprensa e da tribuna; e sentimos ainda mais que um

prelado da igreja lusitana, e uma das nossas primeiras dignidades na hierarchia ecclesiastica depois de deploravelmente envolvido nella, lhe possesse um remate tão improprio da sua elevada posição, como do seu superior juizo.

A. P.

O sr. governador civil deo mais uma prova da independencia do seu caracter, da excellencia dos seus principios politicos, do esmero em manter a dignidade do cargo que exerce, e da fidelidade com que representa e serve um governo rasgado mente progressista.

A demissão do administrador do concelho d'Anadia, o sr. Antonio Gaudencio, mostra o que é o sr. governador civil, e o que delle deve esperar o districto.

Não foram, segundo se diz, conveniencias de serviço que levaram o sr. governador civil a propor e pedir a demissão daquelle magistrado; foram exigencias desarroasadas, caprichos miseraveis, vinganças mesquinhas.

Parece que nas ultimas eleições julgando o sr. governador civil, que os srs. Cancellia e Seabra se propunham candidatos pelo circulo d'Anadia mandara um agente seu, munido d'um alvará de suspensão para á vista delle, e por este meio suave, suavior, liberal, e progressista, vencer o sr. Antonio Gaudencio de que devia ser galopim eleitoral; forçando os seus administrados a votar no sr. Seabra, ou deixar o logar a quem quisesse e soubesse desempenhar-o.

O sr. Cancellia tinha retirado a sua candidatura, o sr. Seabra era só no campo, não havia lucta, não foi necessario passar das ameaças.

Vieram as eleições, e o sr. Antonio Gaudencio, caracter probo e independente, que nunca atraçoara os seus superiores, e que nunca forçara o voto dos seus administrados, foi mero espectador.

Por desaffeição ao sr. Seabra, ou por deferencia ao sr. Cancellia, os eleitores d'Anadia abandonaram a urna, e a votação foi limitadissima.

O sr. Seabra julgou-se desairado, lançou a culpa ao sr. Antonio Gaudencio, e protestou vingar-se do administrador que não soubera obrigar os seus administrados a ter confiança em s. ex.ª

Pedió a demissão do sr. Antonio Gaudencio e instou por ella.

Sem força para repellir exigencias tão injustas, sem coragem para defender e sustentar o seu subordinado que cumprira o seu dever, o sr. governador civil hesitou entre o receio de desagradar ao sr. Seabra, e o ridiculo que lhe vinha de acceder ás suas instancias. Lembrou-lhe, ou lembraram-lhe, um meio que podia tirar-oda difficulda-de; lançou mão delle. Não era o mais digno; que importava isso, se elle acobertava a sua pusillanimidade, e escondia a injustiça.

Desceu a rogar amigos do sr. Antonio Gaudencio para que o levassem a pedir a sua demissão. Mas o sr. Antonio Gaudencio conheceu o

laço e evitou-o. Como homem de brios, que é, tranquillo com a sua consciencia, e sem amor ao emprego, respondeu que não pedia a sua demissão, que lha dessem se era conveniente, e que para ella estava ha muito preparado.

Na independencia do seu subordinado, não aprendeu o sr. governador civil, e para satisfazer e contentar o sr. Seabra pediu a demissão d'um empregado honesto, brioso, e independente.

Outra cousa não devia esperar-se do sr. governador civil. O sr. Seabra é influente, podia voltar para elle as suas iras, o mais prudente era sacrificar o administrador d'Anadia. Assim se fez.

Julgavamos passado o tempo das vinganças eleitoraes, acreditavamos que um governo tão historico praticaria e faria praticar as doutrinas sempre professadas pelo partido progressista, e de que o sr. Marquez de Loulé, foi em outras epochas caloroso defensor; mas a demissão do administrador d'Anadia, o proceder do sr. governador civil veio tirar-nos do erro e provar-nos que as eleições d'hoje são feitas como as d'outro tempo, e que o sr. Marquez de Loulé tem governadores civis como os tiveram os governos que elle combateu.

Sabemos que o governador civil pôde e deve fazer demittir os administradores em quem não tiver confiança: não contestámos este direito, queremos que se exerça em toda a sua latitude, mas com lealdade, e para bem do serviço, nunca para satisfazer vinganças.

Se a conservação do empregado estiver á mercê dos influentes, se o governador civil pensando, mais que a sua dignidade, a sua conservação, não proteger os seus subordinados, não atenderão estes ao bem do serviço, mas á vontade dos validos: acabará a administração, como ella deve ser, e muito receamos que assim succeda no nosso districto, porque o sr. governador civil parece não ter sido fadado para desempenhar os deveres do cargo que exerce.

## IBERISMO.

Segue o 4.º artigo do *Contemporaneo*, jornal de Madrid.

## HESPAÑA E PORTUGAL.

Em nome da fraternidade, que deve unir-nos aos portuguezes. temos condemnado varias expressões e raciocinios do sr. Gullon, que, talvez por inadvertencia, o author deixou escapar e temos tractado de provar que Portugal foi uma grande nação; tarefa que seria inutil, sem duvida, se em Hespanha conhecessemos melhor a vida desse povo habitante naquella parte da Peninsula; mas que não deixa de ser a proposito, uma vez que em Hespanha se ignora tanto de Portugal, quanto em Portugal de Hespanha, nascendo desta inperdoavel ignorancia mutua, o mutuo desvio e infundado menepreso com que nos encáramos algumas vezes.

para se alimentar; e costumava ir sentar-se nos degraus do mausoleu, para cantar ao som da lyra os improvisos que lhe inspirava o grande poeta.

Quando apoz muitos seculos barbaros, a poesia e o amor volveram a sorrir debaixo do ceu abençoado da Italia—recanto unico na terra, que na sua vida de nação, em troca d'um inverno, tem tido duas primaveras e dous estios,—Dante, Petrarca e Boccaccio vieram ao templo Virgiliano invocar o deus desconhecido, e reanimar n'aquelle Vesuvio de poesia o fogo do seu genio; e traçaram sobre o tumulo a par dos nomes de Lycoris, e Dido, os nomes de Beatriz, Laura e Fiametta.

Roberto d'Anjou—o sabio, que com a protecção do pontifice tinha succedido a seu pae, sendo excluido Charoberto, quiz ser o guia do seu amigo Petrarca, quando este visitou o tumulo do grande poeta. Roberto d'Anjou foi quem levou para o seu palacio real de Castelnuovo a urna e as cinzas do divino cantor, para as subtrair á profanação do fanatismo, e da ignorancia.

Pontano, distincto literato do seculo 15, tambem venerou a memoria de Virgilio, exhortando as nymphas do Pausilippo a espalhar flores sobre a sua sepultura.

No fim do anno de 1600 abriu-se uma excavação ao pé do tumulo de Virgilio, para plantar uma arvore, e foi achada esta bella inscripção:

*Siste, viator! pauca legito.  
Hic Maro situs est.*

(Continúa.)

## FOLHETIM

### NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR  
ALEXANDRE DUMAS.

DE NAPOLES PARA CUMAS.

(Continuação do n.º 17)

Nos ultimos tempos que passou em Napoles, fez alguns retoques na Eneida ha muito terminada e um delles foi a addicção daquelles versos em que Anchises profetisa a Eneas o reinado de Cesar Augusto, filho d'um deus, que ha de dar outra idade d'ouro ao Lacio, e subjugar os indios e os garrantos, e alargar o seu imperio para além das plagas, onde o Atlas sustenta nos hombros o firmamento scintillante, e por todas as regiões que visita o sol.

Se me perguntarem agora qual é a auctoridade em que me fundo, para affirmar tão positivamente, que Virgilio compoz estes versos nos ultimos mezes, que habitou em Napoles,—responderei, que foi no anno de 734 que os indios mandaram embaixadores ao imperador, e que Balbo sujeitou os garrantos; e como Virgilio morreu em 735, sem duvida estes versos, ainda que pertençam ao sexto livro da Eneida, foram feitos entre os annos de 734, e 735.

Embarcou Virgilio, e a sua partida é memorada na ode 3.ª do livro 1.º de Horacio, onde o poeta com triste presentimento se despede do amigo nestes lindos versos:

Sic te diva potens Cypri,  
Sic fratres Helenæ, lucida sidera,  
Ventorumque regat pater,  
Obstrictis aliis, præter Japyga,  
Navis, que tibi creditum  
Debes Virgilium: finibus Atticis  
Reddas incolument precor,  
Et serves animæ dimidium meæ (1)

Japix era o vento oes-noroeste, o mais favoravel para conduzir Virgilio a Athenas.

Partiu pois Virgilio. Quando chegou a Athenas encontrou-se com Augusto que voltava do oriente, e o imperador achou-o tão enfermo, que lhe prohibiu continuar a viagem, e trouxe-o consigo até Megara; ali mandou desembarcar o doente, porque de fraco, já não podia ir mais longe. Não obstante depois da partida d'Augusto ainda Virgilio fez um esforço derradeiro, e embarcou para Brindes; mas ao desembarcar exalou o ultimo suspiro a 10 das calendas d'outubro do anno 735 antes da fundação de Roma, ou a 22 de setembro do anno 19 antes de Christo.

No mesmo anno morreu Tibulo. Horacio tinha 46 annos, e estava na força do seu genio.

(1) Baixel a quem Virgilio confiámos,  
Guem-te poderosa a Cypria deusa,  
E os dous irmãos de Helena, astros brilhantes;  
Eolo para ti desprende Japix,  
Na sombria prisão fechando o resto.  
Eu te rogo, oh! baixel, que o restituas  
A salvamento nos confins d'Athenas,  
Guardando assim metade da minha alma.

Portugal pois, como dissemos, é uma nação, e a sua historia e litteratura, independentes e grandes, lhe dão o caracter e condições de selo. Não são os portuguezes uma fracção da nossa nacionalidade que se constituiu em estado independente; mas sim uma nação gloriosa e distincta, como o foram a aragoneza e a escoszeza. Isto porém não se opõe á possibilidade, nem á realisação da unidade pacifica de ambos os reinos, n'uma época futura mais ou menos remota. O erro do sr. Gallon não está, a nosso ver, em buscar a unidade; mas sim em querel'a e procural'a, menoscabando da nacionalidade portugueza e negando seus brilhantes brasões.

Quanto ao mais, convivimos com elle, em que a configuração topographica de ambos os paizes, a religião, a raça os costumes convidam a unirnos, e em que Hespanha possa um dia ser Portugal, ou Portugal Hespanha, sem que por isso percam seus timbres e louros antigos, como os não perderam Aragão e Castella. Aragão ainda não rasgou nem perdeu as paginas formosas de sua historia immortal, antes a esclareceu e duplicou. Não funda já sómente o seu orgulho nos infatigáveis e nobilissimos condes de Barcelona, mas tambem em Bernardo del Carpio, no Cid, e no conde Fernam Gonçalves; não blasona só de seus trovadores, mas tambem de nossos poetas; não se mostra só orgulhoso de seu D. Jaime, o conquistador, mas tambem de nosso São Fernando; a par de Rogerio de Lauria colloca Pero Ninió, e junto de D. Pedro o grande e de D. Afonso o magnanimo, põe o Grão Capitão e o grande Cortez, ambos dignos de figurar ao lado de taes reis.

O hespanhol que rebaixa a gloria de Portugal e o portuguez que menoscabava da nossa, dir-se-hia que desejam destruir o thesouro que um dia ha de por inteiro pertencer á patria commum, e que de certo modo já lhe pertence. A gloria de Hespanha é um complemento da de Portugal, e a de Portugal da de Hespanha; não se limitam, não se molestam; mas são o complemento uma da outra. Deixae ensoberbecer-nos com o vosso Camões, e tomae em troca Cervantes; por vossos lyricos vos damos o Romanceiro; por Albuquerque a Cortez e Pizarro; por vosso rei D. Manoel, vos damos Isabel a Catholica.

Assim como não queremos tornar pequena a nossa existencia passada, tão pouco queremos negar o vosso valor em dia. Se ambicionamos a unidade e suspiramos por ella, alguns talvez com sobrada imprudencia, não se julgue que é por que consideramos os portuguezes pobres e fracos, mas por que os julgamos ainda poderosos e ricos ou capazes de selo. Demasiadamente se sabe, ainda que diga o contrario algum pouco acertado escriptor em um momento d'esse orgulho que vós e nós temos,—demasiadamente se sabe que possuis recursos para viver, e esperanças de larga vida, prosperidade e engrandecimento.

Não ha, pois, motivo, a final de contas; para esse odio que mostram alguns, para esses continuos receios, e até para esse menosprezo, que falsos patriotas de Portugal e Hespanha accendem ás vezes entre estas duas negões irmãs, voltando o rosto para paizes estrangeiros, admirando exclusivamente a litteratura de França e Inglaterra, arredando mal as suas instituições, enchendo de encomios e exaltando com servil entusiasmo seus homens e suas cousas, desprezando motejando, e ridicularizando tudo quanto é nosso, quer seja hespanhol quer seja portuguez. Dir-se-hia que nosso espirito se humilhou com a decadencia e desgraça, e que só dá guarida a ruins e mesquinhos zelos. Foi assim Lucena que escolheu um hespanhol para heroe do livro mais bello que por ventura se tem escripto no vosso idioma? Era assim Camões que chamava ao castelhano grande e raro, e que prognosticava da Hespanha que a inconstante fortuna nunca poderia manchar?

Que lha não tire o esforço e ousadia

Dos bellicosos peitos que em si cria?

Não era assim, por ultimo, aquelle generoso castelhano que, momentos antes de começar a batalha de Aljubarrota, disse ao vosso Alvares Pereira: «Assim sois os mais honrados do mundo, quer sejais vencedores quer vencidos, porque se «venceis sendo tão poucos, e se vencemos sendo «nós tantos, toda a gloria e fama é vossa!»

Hoje, sem embargo, em plena paz, sem o menor projecto hostile nem invasor, maltratamos-nos por palavras e escriptos. Haverá, por ventura hoje mais patriotismo do que outrora? Não, é que sem o saber nos deixamos levar por inspirações estrangeiras; é por que nos maravilhámos tanto das grandezas e da prosperidade de outros paizes, que o animo se nos confrange e predispõe a menosprezar e a aborrecer, quando não, o que nos é proprio, por um certo pudor, o que de vera ser um ponto apenas abaixo do que nos é pessoal. A verdade é, que nunca o patriotismo exclusivo portuguez fallou tão alfonante como nos ultimos tempos; nem ainda mesmo na deploravel guerra de vinte oito annos que precedem a separação. Então mostravam-se os nossos visinhos com fundamentos aborrecedores do mal soffrido captivo, do

Hypocrita tyranno e não prudente e dos dois Filippes, seus successores; porém não aborreciam tanto, como mostram agora aborrecer alguns, a nação hespanhola. A ella pertencia essa valorosa senhora e prudentissima rainha que tanto contribuiu a dar-vos a liberdade que apeteceis; aquella Gúsmão que persuadiu e resolveu seu timido e vacillante marido a cingir a corôa; quem educou a seu filho D. Pedro para vos governar e dirigir, quem conteve e corrigiu, em quanto lhe foi possível, os delirios e maldades de D. Afonso; quem procurou alliança da França e da Inglaterra, e quem mandou vir Schombarg e os soldados estrangeiros para que, contra nós, vos ajudassem.

Assim se apartou Portugal do moribundo imperio hespanhol, no tempo do desditoso Carlos II. Pelo tratado de 1668 reconheceu Hespanha a Portugal como um estado novamente livre e independente; porém do perpetuo cumprimento d'essa carta de alforria, sahio a Inglaterra por fiadora, e não ha duvida que, se um dia todos os portuguezes unanimes quizessem tornar a unir-se á Hespanha, a Inglaterra os havia de coagir, se podesse, a conservar sua liberdade e independencia, valendo-se, talvez dos mesmos meios suasorios e philantropicos, que já empregou com os habitantes das ilhas Jonias; para que se não unam aos demais gregos.

Não queremos com isto dizer que acreditamos, que a Inglaterra exerça um protectorado sobre Portugal; que seja Portugal uma colonia ingleza, como pretendem alguns. Estamos, pelo contrario, muito convencidos de que os portuguezes são zelosos em extremo da sua dignidade e independencia, e não exaggeramos até esse ponto, a influencia e preponderancia da Inglaterra sobre elles. Porém ainda que tivéssemos, como certa, essa preponderancia, lamentarmol-a-iamos como um infortunio, e nunca a haviamos de censurar, como falta de energia. A falta e inevitavel humilhação de Gibraltar nos faz, neste ponto, menos severos, e a recente humilhação das notas de Calderon nos obriga a ser tolerantes. O que dizemos é que á Inglaterra convem e importa muito a nossa separação, e que talvez se resolvesse a conservar a pela violencia, ainda mesmo quando fossem poucos os portuguezes que a quizessem, ainda mesmo quando as cousas e opinião estivessem já maravilhosamente dispostas e propicias á fusão de ambas as nações. Este seria o ultimo e poderoso obstaculo que teria que vencer a unidade desejada sem uma guerra peninsular concitada, pelos proprios inglezes, e sem menoscabos ou perda de nenhuma das nossas colonias.

Porém antes de chegar a este ultimo transe, quantas outras difficuldades não nos ficam ainda para combater? Quantos meios não temos ainda que ajuntar e aproximar cada vez mais, em vez de nos separarmos?

Pensar, por conseguinte, na fusão immediata é quasi uma loucura, ou pelo menos uma imprudente audacia; mas pensar em separarmos-nos mais do que estamos, é uma demasia e perda de sentimento patriótico que reverte em prejuizo de ambos os paizes.

O melancolico amor da patria decahida, as saudades da passada grandeza, que fizeram sonhar em um quinto imperio portuguez, e converteram D. Sebastião em um Messias nacional, qual novo rei Arthur, não bastam para dar motivo de ser a estes receios perpetuos, a estas arreigadas e pouco amigaveis preocupações, que mostram os portuguezes contra toda a nação hespanhola, em quanto que para cada um de seus individuos que chega a visitar-nos, temos de confessar e agradecer, que por extremo hospitaleiros affectuosos e francos. Os portuguezes cedem n'isto, como nós, na infundada altivez com que ás vezes nos olhamos, a um espirito de estrangeirismo, que, a nosso pesar, e sem que bem o notemos, nos domina.

Assim por exemplo, quando os portuguezes accusam de ferozes e crueis a nossos heroes passados não fazem mais do que repetir e tornar-se ecco da inveja estrangeira. Cortez, Pizarro, Almagro, Balbau foram crueis; porém quaes guerreiros de outra qualquer nação, não o seriam naquella idade? Eram os portuguezes muito mais brandos de condição, muito mais humanos? Vossos mesmos poetas, não qualificam Albuquerque chamando-lhe o feroz? Porém, vós ou nós, não nos distinguimos pela ferocidade de que nos motejam os que então a tiveram igualmente, e ainda a tem hoje; com menos desculpa e mostrando-se na India tão duros e sem entranhas como desgraçadamente se tem visto.

Distinguimo-nos pelo ditoso atrevimento e por aquella constancia com que alargamos o mundo, dando ao antigo novo hemispherio, e abrimos os mares nunca d'antes navegados.

Por onde fosse a Lysia

Os immensos thesouros do oriente:

Por onde nos trouxese ao Tejo ufano

As perolas brilhantes, que adornavam

Do sol os ricos paços

E os thalamos da aurora.

E afim de pôr termo e coroar dignamente esta empresa de descobertas que Portugal começara, para eterna gloria do infante D. Henrique e dos navegantes de Sagres, que descobriram o outro formosissimo céu austral, e as refulgentes estrelas com que sonhou Dante no seu poetico escrever, uniram espanha e Portugal dois filhos seus, e graças a Elcano e Magalhães deu-se pela vez primeira a volta do globo em que habitamos.

As nossas glorias e as dos portuguezes são as mesmas, e não podem nol'as tirar, sem as tirar a si proprios: as mesmas são tambem as nossas culpas, e assim não podem injuriar-nos sem que a injuria recida sobre elles.

Talvez nos tenhamos em demasia demorado n'estas considerações sobre cousas que já foram; porém repetimos que não nos parecemos ociosos para o assumpto a fim de dissipar recriminações e vãos assomos, de que possa estar possuido, por desgraça, o vulgo de um e outro paiz, e ainda mesmo não poucas pessoas illustradas.

Fallêmos agora do estado actual do visinho reino, e procuremos demonstrar que não é lastimoso, como alguns julgam, nem é conveniente que o seja, antes pelo contrario, a proposito da união.

#### Relatorio sobre o emprego do beton em algumas construcções do districto de Aveiro.

(Conclusão do n.º 21)

Cumpra ainda observar que ha sempre algum

receio de construir de alvenaria arcos de maior abertura, e principalmente sendo abatidos; e isso resulta da pouca confiança na boa execução d'aquelle trabalho, em que é necessario todo o cuidado, e de não termos bons cimentos para as argamassas. E isto é tanto assim, que não sei de arcos de pontes construidos de alvenaria no nosso paiz de mais de 8 metros de abertura.

Em França existem abobadas de grandes vãos, e obras importantes de natureza diversa, em que não se fez uso de cantaria, emprehendas e executadas ha poucos annos pela casa Gariel, mas em que se empregou sempre o cimento de Vassy; parecendo-me entre estas digna de especial menção a abobada do arco da ponte aux Doubles sobre o Sena, de 31 metros de abertura, e com 3<sup>m</sup>,1 de flexa, reconstruido em 1847.

Em Portugal é raro encontrar-se um arco de ponte que não seja construido de cantaria; e por isso as obras d'esta natureza nos tem ficado quasi sempre caras, vindo limitar um pouco mais a sua applicação nas construcções.

Na hypothese de ter sido construido de cantaria o arco da ponte do Sobral, não custaria o metro cubico em obra menos de 14\$000 réis. Para as outras partes da ponte em que aquelle se empregou, empreitou-se com vantagem a rasão de 12\$000 réis por assentar. Segue-se pois que houve a economia de 2\$915,7 réis por metro cubico na substituição de alvenaria pelo beton, do que resulta a de 128\$903 em todo o arco, suppondo iguaes os volumes da parte da abobada a construir entre as testas, tanto no primeiro como no segundo caso. Comparativamente com a cantaria, sairia o metro cubico por menos 11\$772 réis, sendo de 379\$316 a economia em todo o arco; suppondo a abobada só com a espessura igual a 0<sup>m</sup>,7.

Estou tambem persuadido que de tijolo ficaria o arco mais caro e com menos solidez, muito principalmente empregando o tijolo que por ali se fabrica geralmente, que é de pessima qualidade, mal cozido e em pequenas dimensões.

Pelo que respeita á qualidade dos materiaes empregados no beton de que se fez uso na ponte do Sobral, foi a seguinte:

A pedra era pela maior parte seixo britado misturado com algum granito muito rijo. As suas dimensões eram de grandeza que passava toda por um anel de 0<sup>m</sup>,04 de diametro.

A cal era um pouco magra, e com certo grau de hydraulicidade, como toda a do districto de Aveiro.

A areia era de mina, e não muito pura, contendo, ainda que em muito pequena porção, alguma argila, como succede em todos os saibros extrahidos de minas n'aquellas localidades. A outra areia que havia muito proxima era muito fina e não servia.

A abobada, apenas concluida, foi coberta com uma camada de muito pequena espessura d'este ultimo material, e vedou-se o transito pela ponte até ao decintramento e completo acabamento de toda a construcção.

Trinta dias depois da conclusão da abobada, o beton apresentava pela superficie do intradorso, em contacto com a cobertura do simples, bastante dureza, resistindo á percussão de uma alavanca.

Como tive occasião de observar n'um officio que dirigi para a repartição de obras publicas em 31 de dezembro do anno passado, formava tenção de effectuar o decintramento, empregando os parafusos de Deputit, de que já em obras da mesma natureza se tem feito uso n'este districto, a fim de conseguir qua aquella operação se fizesse o mais regularmente possível, com muita suavidade e muito lentamente, sem o mais leve choque e abalo, logo que me pusesse que a abobada havia adquirido o maior grau de dureza. Deu-se porém uma circumstancia que eu havia prevenido, que não deixou que o decintramento se effectuasse como desejava. As cheias que tiveram logar no mez de dezembro, e sobretudo a que houve no dia 10 daquelle mez no rio do Sobral, obrigou a proceder-se á pressa ao decintramento do arco, que com a madeira do simples se achava bastante obstruido, não deixando correr livremente o grande volume de aguas que se accumulou no rio, e embaraçando a passagem de corpos de maiores dimensões, como troncos de arvores e ramos que a corrente arrojava. N'estas circumstancia, vendo o conductor que havia encarregado d'aquella secção que poderia haver risco de, em consequencia do represamento das aguas no arco, ser galgado, e assim infalivelmente destruido o aterro da avenida de NE. da ponte, fez proceder com toda a celeridade ao decintramento do arco, como lhe tinha recommendado, prevenindo já aquella hypothese. Esta operação executou-se batendo descontradas as duas cunhas sobre que cada prumo descansava, nas linhas horizontaes que atravessavam o arco na altura das impostas e correspondentes a cada systema de cambotas. A abobada não experimentou o mais leve recalque. Examinando dias depois a superficie do intradorso, não se notava fenda alguma, e aquella se achava lisa e muito regular. O beton apresentava-se rejissimo.

O resultado obtido da applicação d'este systema de construir no arco da ponte do Sobral, anima bem a tenta-lo em obras da mesma natureza e das dimensões approximadas ás d'aquella edificacção; sendo certo que em rarissimas circumstancias deixará de haver muita economia na substituição da alvenaria pelo beton nos arcos das pontes de pequeno vão, em que me parece que não poderá haver receio de o empregar, e ainda mesmo nos arcos maiores, sendo estes semi-circulares. A facilidade e amuito maior brevidade da execução é tambem uma condição que convem atender.

O arco da ponte do Sobral, incluindo as testas de cantaria, importou em 948\$000 réis.

Em toda a construcção despendeu-se a quantia de 2:852\$650 réis.

Os pés direitos, testas do arco, meios talhaes junto aos encontros, cunhaes, guardas e cordão da ponte sobre o arco, pedestales correspondentes aos quatro cunhaes e ás quatro extremidades dos muros das avenidas, e finalmente o capeamento das guardas sobre estes muros são de cantaria de bom granito com aparelho tosco.

O comprimento total da ponte é de 27<sup>m</sup>,58. A largura entre as testas é de 6<sup>m</sup>,10 e de 6<sup>m</sup>,6 entre as faces exteriores dos muros das avenidas. A elevação ao centro de 5<sup>m</sup>,02, e a altura dos pés direitos de 2<sup>m</sup>,27.

Nas nossas construcções se tem applicado o beton em fundamento e alicerces. A falta de pozzolanas naturaes e de cimentos, e a difficuldade de arranjar boas pozzolanas artificiaes para obter argamassa com bastante energia, tem talvez sido a causa de não se ter generalisado mais o seu emprego.

Em França e Inglaterra, como é sabido, applica-se o beton em obras de mui diversa natureza, porém deve notar-se que rarissimas vezes deixa de entrar na composição das argamassas algum cimento inergico como o de Vassy e Portland, que são os mais procurados. E eu não sei de um só arco de ponte construido de beton ordinario.

Só nas obras de alguns portos, para avançar com os molhos no mar, se tem empregado o beton ordinario na formação dos volumes, os blocs artificiaes d'aquelle mixto. Nas obras do porto de Marselha, em que se applicou em grande escala este systema de construcção, o beton era simplesmente formado de uma parte de argamassa e de duas de pedras, sendo aquella de tres partes de cal em pó e cinco de arca. O volume d'estas grandes massas de beton chegava a ser de 10 metros cubicos, podendo lançar-se na agua tres mezes depois do seu fabrico.

Mr. Coignet em Pariz apresentou, para ser examinado por uma commissão de engenheiros, um especie de beton, a que pretendia dar uma applicação muito ampla, fazendo variar os seus elementos componentes, que são os seguintes: arca (de rio ou mina segundo a natureza da obra), terra argilosa cozida, cinza de carvão de pedra, e cal hydraulica natural. N'esta mistura a arca entrava sempre n'uma proporção tão grande, que realmente por essa circumstancia cabia bem a este mixto o titulo de economico com que o seu inventor o apresentou. Assim para os muros ordinarios mr. Coignet indicava a seguinte composição para o seu beton economico:

Arca do rio . . . . .	8 partes
Terra argilosa cozida e pisada . . . . .	1 »
Cinza de carvão de pedra pisada . . . . .	1 »
Cal hydraulica natural . . . . .	1 »

11

O principio do processo de mr. Coignet consiste em bater muito bem em fórmas ou caixilhos semelhantes aos que se empregam na construcção dos muros de taipa (pisé) uma argamassa muito magra, impropriamente classificada como beton, cuidadosamente amassada, composta de materias diversas, apropriadas aos resultados que se pretendem obter em cada genero de applicação, e sempre escolhidos de maneira que formem uma massa perfeitamente compacta, e sem espaços vazios apreciaveis.

Existem em Pariz diferentes obras construidas por este systema, uma grande officina, uma casa de tres andares construida toda de beton, um muro de revestimento de 6 metros de altura, e outras obras, incluindo arcos abatidos de 6 metros de abertura com 0<sup>m</sup>,1 de flexa, etc.

Nas construcções em que entre nós se tem applicado o beton, creio que se tem sempre feito entrar na argamassa a pozzolana de S. Miguel; porém esta chega-nos ás vezes tão viciada e pouco homogenea, que não pôde haver toda a confiança no seu effeito; e n'esta duvida é melhor não empregar-la em certas obras em que a desigualdade de resistencia falta de homogeneidade de mixto pôde prejudicar a solidez e comprometter a sua duração, e n'equellas em que não é condição essencial um prompto endurecimento de argamassa. Assim para os arcos das pontes, no caso de não haver toda a confiança na boa qualidade da pozzolana, parece-me preferivel empregar o beton ordinario, tendo só cuidado na escolha dos outros materiaes da sua composição, e principalmente na cal. E onde esta se poder encontrar bastante magra e hydraulica, como n'este districto, obter-se-ha um excellento beton, ainda mesmo sem a pozzolana.

No districto de Aveiro empregam-se muito em edificios pequenos e muros os chamados adobos de cal, com que se construe depressa e com muita economia. São uma especie de beton economico de Coignet, mais simples, porque aquelles unicamente são formados de cal e arca de granulacção grossa. Fazem-se em moldes apropriados, batendo o mixto depois de bem amassado. Empregados um anno depois do seu fabrico estão durissimos, e comportam-se muito bem em obra.

Vi já n'este districto um pequeno arco de ponte construido de adobos de cal, e perfeitamente conservado.

Julgo ter cumprido com este meu pequeno trabalho o que me era recommendado sobre o objecto de que acabo de me occupar.

Direcção das obras publicas do districto de Aveiro, 26 de fevereiro de 1861.—Silverio A. Pereira da Silva, engenheiro director.

#### PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DA FAZENDA

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Por-

tugal e dos Algarves etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º Fica abolida, na parte relativa ás povoações que são cabeças de comarca, a excepção contida no artigo 4.º da carta de lei de 30 de julho de 1860, sobre a contribuição industrial.

Art. 2.º E' ampliada a auctorisação concedida ao governo no citado artigo 4.º da lei de 30 de julho de 1860, podendo as transferencias de terras, a que ella se refere, ter logar para a categoria que o governo julgar mais conveniente, quando se mostre que da applicação rigorosa da regra estabelecida resulta uma classificação menos equitativa com relação aos recursos industriaes de qualquer povoação.

Art. 3.º A auctorisação para a redução das taxas, concedida ao governo pelo § 2.º do artigo 23.º da lei de 30 de julho de 1860, poderá ser exercida sobre representação dos empregados fiscaes.

Art. 4.º Logo que em cada districto estiverem concluidas as matrizes da contribuição pessoal convocar-se-hão as respectivas juntas geraes, para com relação ao corrente anno fazerem pelos diversos concelhos a distribuição da contribuição, ou para a reverem, se já estiver feita.

§ unico. Nos annos seguintes a convocação das juntas geraes, para o fim designado n'este artigo, só terá logar quando as respectivas matrizes se acharem concluidas.

Art. 5.º As camaras municipales poderão representar ao governo sobre as reclamações de quaesquer classes industriaes, ficando todavia sujeitas, na conformidade do disposto na ultima parte do § 2.º do artigo 23.º da lei de 30 de julho de 1860, a comprovar estas reclamações.

Art. 6.º O governo fará incluir na classe 8.ª da tabella B os vendedores de viveres por miúdo, que têm a designação de *tendeiros*.

Art. 7.º Não é considerado negociante por grosso aquelle que só vende a retalho, ainda quando importe em pequena escala generos nacionaes ou estrangeiros, se esses generos forem para sortimento exclusivo das suas lojas de retalho; e n'este caso será collectado segundo a sua especialidade na classe que lhe corresponder.

Art. 8.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todos as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O conselheiro d'estado, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades, aos 22 de agosto de 1861.—El-rei, com rubrica e guarda.—Antonio José d'Avila.—Logar do sello grande das mas reaes.

Carta de lei, pela qual vossa magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 19 do corrente mez, contendo diversas modificações na carta de lei de 30 de julho de 1860, que estabeleceu e regulou o imposto da contribuição industrial; manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'ella se contém, pela forma retró declarada.—Para vossa magestade ver.—Pedro Afonso de Figueiredo a fez.

## CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

5 de setembro de 1861.

Quando as auctoridades praticam actos improprios e escandalos, é do dever do homem honesto e desinteressado dar conhecimento ao publico desses actos, para por elle serem apreciados, e formar o verdadeiro juizo de taes empregados. Vamos hoje fallar do sr. administrador do concelho de Cantanhede, Francisco Moreira da Costa e Silva, que extorcendo-se de raiva ao ver, que não pode correr parelhas, a muitos respeitoes, com certa influencia do concelho de Mira, procura, de perfeito accordo com seu pae João Moreira da Costa e Silva, por todos os meios ao seu alcance, pôr em pratica contra o benemerito e honrado cavalheiro influente daquella localidade, as mais mesquinhas e miseraveis vinganças, que sua pequena alma lhe sugere.

O pae daquelle administrador, João Moreira da Costa e Silva, é demasiadamente amante do dens Bacho, e quando está experimentando os effeitos da embriaguez é que ordena ao filho — que ponha em execução os desvarios da sua esquentada imaginação, ao que o sr. administrador como bom filho, e optima auctoridade mui promptamente cede.

Eis pois o que se nos offerece na actualidade com relação á administração do sr. Moreira. O pae do despotico administrador convidou para certo negocio um homem da freguezia dos Covões, concelho de Cantanhede, que tem intimidade com a tal pessoa influente no concelho de Mira, como porem o pobre homem não annuisse ás exigencias do sr. João Moreira, foi o homem logo victima do furor do tal Moreira, sendo por elle ameaçado com a prisão de seus filhos e multas, etc. dizendo-lhe que seu filho era administrador em Cantanhede, e que todos os amigos do tal influente haviam de ser demittidos e queimados (formaes palavras do tal Moreira).

E no entanto, sr. redactor, o caso é, que em seguida foi preso um filho do tal individuo, e retido na prisão de Cantanhede 9 dias, em quanto que os agentes do sr. administrador se dirigiam ao pae do preso, dizendo-lhe que fosse elle falar ao sr. administrador, ou ao menos a seu pae, que seu filho seria solto; devendo contudo ficar sendo de futuro creatura dos srs. Moreiras! Como pois o bom e honrado homem, conhecendo a animosi-

dade e vingança do sr. Moreiras, a tudo reses-tisse, lá vae o filho caminho de Vizeu com um informe do sr. administrador alcinhando-o de máo filho e malfeitor, etc., quando pelo contrario é bom filho, obediente, e o que ajudava o pae a sustentar sua numerosa familia. Dizem-nos agora que o rapaz estava sorteado: muito bem; mas qual é a razão, porque o sr. administrador durante todo o tempo da sua administração ainda não fez uma deligencia daquella ordem, havendo como ha naquelle concelho, talvez, mais de cento e cincoenta sorteados e refractarios? A razão é obvia, pois bem claro está a animosidade com que s. s.ª andou naquella deligencia, porem que havendo outros mancebos no mesmo logar, e nas mesmas circunstancias do prezo, o sr. administrador, deixando-os na mais plena liberdade, tão sómente promoveu a captura daquelle, e com tanta recommendação, que nem mesmo o regedor da respectiva freguezia o soube, só quando lhe apresentaram o preso á porta!

No actual recrutamento a que se está procedendo está incurso um irmão do recruta hoje com praça assente em Vizeu; ora o sr. administrador não deve ignorar que este mancebo está escuso (lei de 4 de julho de 1859 art. 2.º) e não obstante, as ameaças dos srs. Moreiras succedem-se, dizendo que aquelle segundo filho tambem pode ser soldado.

O despotismo não é admissivel jámais nas auctoridades, que devem administrar justiça com imparcialidade, rectidão e destituidas de paixões; mas o sr. Moreira pela sua malvadez e depravada indole, hade, em todo o tempo, corroborar os epithetos de que foi arguido em dois numeros do jornal *Tribuna Popular*, em setembro de 1859, a onde justamente foi accusado das mais infames, torpes, e vis accusações, sendo então administrador do concelho de Mira. O sr. Moreira não se atreveu a contestal-as, porque s. s.ª bem sabia, que pelos seus actos se tinha tornado digno dos nomes mais abjectos, que podem dar-se ao homem em disforço da indignação; pois é certo que a vida publica do sr. Moreira está manchada, e cheia das mais lazarentas feridas, que s. s.ª jámais será capaz de curar.

E' certo que o sr. Moreira ainda tem em vista a administração do concelho de Mira; e os povos daquelle concelho estremecem de susto só com a lembrança de que s. s.ª ainda um dia poderá reassumir o cargo administrativo.

Nós pois que estamos ao facto de desregrada conducta dos srs. Moreiras, já como auctoridade, já como cidadãos, cumpre-nos, d'accordo com as pessoas mais influentes daquella localidade, empregar todos os meios, para que elles jámais exerçam as funcções do mais infimo emprego naquelle concelho.

Pela inserção destas linhas lhe ficará summamente obrigado um dos seus assignantes

*Inimigo da corrupção.*

### Quem será o que come?

Sr. redactor.

Algures 8 de setembro de 1861.

No concelho de Cantanhede, falleceu em 1852 uma sr.ª cazada, sr.ª de alguns contos de réis, deixou duas filhas, uma de 4 annos e outra de 2: era então juiz daquella comarca o sr. Antonio de Mello Borges e Castro, e distribuiu o inventario; succedeu-lhe o sr. Martinho de M. Machado, e durante os 4 annos que ali esteve, não deu passo algum; veio depois o sr. Ignacio Cabral de S. e Barros, e mandou intimar o viuvo cabeça do casal, para o inventario seguir seus termos, já se extrahiram 3 mandados de intimação, mas o cabeça de casal ainda não compareceu! O sr. juiz deo-se por satisfeito!! o sr. delegado que ali está ha 14 ou mais annos está satisfeitisimo!!! O escriptivo estará contente só com a destruição?!

Quem pois será o que come? um, dois, ou todos tres? Sou

De v. etc.

\*\*\*\*

(Segue-se o reconhecimento.)

Sr. redactor.

Villa-Cova na freguezia de Junqueira 25 de agosto de 1861.

He grandemente nobre a imprensa jornalística, em quanto incita o homem a praticar acções generosas e feitos heroicos, aconselhando o caminho da virtude, é grandemente civilisadora, em quanto censura os abusos, stygmatisa o vicio, e combate o crime assinando a marcha do verdadeiro progresso social, a par das virtudes christãs, que compendiam a mais sã moral; é verdadeiramente liberal, em que faculta a área, dentro da qual deve gozar ampla liberdade, coartada pelos verdadeiros principios do bom, do justo, e do honesto, concedendo-lhe as garantias e vantagens d'um systema politico mais perfeito, e em harmonia com as ideias dos tempos modernos. Mas sr. redactor, quanto he nobre, civilisadora, e liberal esta instituição, desempenhada com dignidade, independencia, e sensatez, tão nocivos são os seus fructos, quando desregrada e licenciosa.

Sim, sr. redactor, nessa instituição, que veno, como a mais importante nos governos constitucionaes, nesse palladio das publicas liberdades nesse foco luminoso, algumas vezes, por infelicidade nossa, e mal da sociedade, envolvem-se graves calumnias e as mais torpes arguições. Oxalá a pureza, que devia presidir aos actos dessa veneranda instituição, não fosse contaminada pela mais abjecta e desregrada lingoagem, e pelas intenções mais ignobeis.

Depois do delicto committido, que resta sr. redactor? o correctivo dos tribunaes; para elles pois appella o signatario, padre Fernando Antonio Tavares d'Almeida, natural de Villa Cova, na freguezia da Junqueira, julgado de Macieira de Cambra, districto d'Aveiro.

O contexto da correspondencia exarada no n.º 9 do jornal — *Districto d'Aveiro* — aggregado de calumnias e insolencias dará, sr. redactor, assumpto para uma discussão judicial, e que o arguido protesta compellir perante o tribunal competente o auctor desse libello difamatorio, que sob o anonimo, e com o fim desacreditar o infra assignado fez inserir nas columnas do seu jornal, que, diga-se de passagem, parece, deslizar um pouco do programma, que s'impoz, querendo fazer acreditar, que a sua divisa era — *o moderantismo*.

O signatario não vem hoje aqui senão para protestar solemnemente perante os seus amigos, perante a sua classe, e perante o paiz contra o auctor das calumnias, que lhe são imputadas no artigo, por quanto é falso, que o abaixo assignado viva nessa immoralidade, que só per si era bastante para desconceituar qualquer homem, muito mais um ecclesiastico.

E' falso, que o parochi da freguezia de Junqueira, com o zelo pastoral alludido, admoestasse fraternalmente o arguido, porque carecia de motivo.

E' falso o facto de ter-lhe matado o animal alludido.

E' falso, que o arguido insultasse o seu parochi.

E' falso, que use de faca e pistola.

E' falso, que usasse de punhal, e com elle offendesse o seu parochi.

E' falso, que o arguido celebrasse o Santo sacrificio da missa com armas encostadas ao altar.

E' falso ser perturbador do socego publico, ser amigo de desordens, intentar acções injustas, e violar direitos d'alguem.

E' falso, que o arguido frequentasse as aulas em Vizeu em 1830.

Agora, sr. redactor, o que não é falso, e o infra signatario hade provar, é o seguinte:

Que o revd.º parochi de Junqueira, seu hospede e amigo intimo, sem motivo ostensivo, s'indispoz com o arguido.

Que para exercer uma ignobil vingança pediu a Manoel Pereira de Junqueira de Cima, um cão bravissimo, que tinha, e que por vezes accommettera o abaixo assignado, mordendo-o d'uma vez de tal modo, que em alguns mezes esteve impossibilitado d'andar, circumstancia, que o seu parochi mui bem sabia, porque, nessa occasião, o foi visitar.

Que esse animal feroz era conservado na residencia do parochi, junto da igreja, para assaltar o abaixo assignado, quando ia dizer missa!

Que no dia 2 d'outubro proximo preterito, depois de celebrar, e indo pedir ao revd.º parochi as chaves da igreja para tomar o chapéu (por que as portas tinham sido fechadas, mui de proposito, em quanto o abaixo assignado se desparamentava na sacristia) foi insultado e ferido na face esquerda com as proprias chaves do templo!

Que o seu referido parochi, conhecendo a enormidade da sua culpa, e gravidade do delicto committido foi pedir perdão ao abaixo assignado, na propria casa do regedor, acompanhado de muitas pessoas, indo entre ellas alguns ecclesiasticos, fazendo inutilisar o auto tomado pelo juiz eleito.

Finalmente, sr. redactor, o que é verdade, e o que se deprehende de tudo isto, é que a malvadez tem concebido o plano de desconceituar o infra assignado, de fazel o passar pelas amargas provações da mais torpe calumnia, e pelas insupportaveis torturas da diffamação, collocando o signatario no pelourinho da imprensa, como o auctor do artigo alludido confessa impunemente, todavia, sr. redactor, o arguido, acatando a instituição da imprensa não quer poluir-a, porisso escolhe outro campo, um outro pelourinho, logar mais competente para amarrar o calumniador. Fazendo esta declaração, como satisfação prévia ao publico, e em principio da defeza da sua honra, offendida, o signatario entende cumprir com o seu dever, confiando, que essa illustre redacção lhe não recusará esta reparação.

Sou

De v. etc.

O padre Fernando Antonio Tavares d'Almeida.

## NOTICIARIO

**Caixa Economica.**—Damos em seguida o balancete do movimento deste estabelecimento durante o mez d'agosto ultimo, o qual nos foi remetido pela respectiva direcção.

Movimento da Caixa Economica d'Aveiro no mez d'agosto de 1861.

### Entradas:

Depositos recebidos.....	1:822\$950
Letras idem.....	931\$100
Juros.....	68\$450
Dinheiro em caixa no principio do mez.....	1:427\$710
	4:250\$210

### Sahidas:

Depositos restituídos.....	242\$775
Emprestimos.....	961\$200
Juros pagos.....	3\$525
Dinheiro em caixa.....	3:042\$710
	4:250\$210

Somma dos depositos existentes em 30 de agosto — 13:035\$745 rs.

Dita das letras em cofre na mesma data — 10:569\$920 rs.

Caixa economica de Aveiro 10 de setembro de 1061.

A. Pinheiro

2.º SECRETARIO.

**Locomotiva.**—Chegou ahi ha dias uma locomotiva que vem para ser empregada nos tra-

balhos do caminho de ferro, muito adiantados na sessão de Canellas.

Tem sido grandes e perigosos os esforços para tirar do navio em que veio, para o barco que a deve conduzir ao esteiro de Estarreja, uma das peças, que pesa nada menos de 12 tonelladas ou 26:880 arrateis!

Em um dos ultimos dias arrebentaram os aparelhos, e por pouco que não são victimas uns poucos de trabalhadores, e hontem, depois do posta no barco a muito custo, submergio-se o barco, por não poder com o peso.

Para allar estes pezos são necessarios aparelhos que por cá não ha; e vencida essa difficuldade apparece ainda outra, a de não haver barco que os conduza, e ser o esteiro, para onde vão, estreito e pouco fundo.

**Destacamento.**—Chegou no domingo um destacamento de infantaria n.º 5 que veio render o que aqui estava de caçadores n.º 9. O primeiro é commandado pelo sr. capitão José Antonio Guimarães.

O de caçadores, commandado pelo sr. Ilydio M. Falcão, fez bom serviço em todo tempo que aqui esteve, e tanto o sr. Falcão como o sr. tenente Videira mereceram as sympathias de todos que com elles tractaram.

**Satisfação.**—Temos ha dias uma correspondencia em nosso poder do sr. Aralla, d'Ovar, que não temos podido publicar por falta d'espago mas que o será infalivelmente no numero seguinte.

**Queixa a quem competir.**—Não se pôde passar na praça do peixe desta cidade com o mau cheiro, que de restos de peixes, que as vendeiras deste genero ali deixão envolvidos em aréa, e que depois expostos aos raios do sol apodrecem, e exalam um cheiro verdadeiramente pestilencial.

Tambem alguém daquelle bairro se queixa d'um armazem pertencente a Francisco de Pinho Vinagre e sito na praia de S. Roque, aonde se conservam grandes porções d'escasso, e d'uns grandes depositos d'estrumes que o mesmo Vinagre tem na extremidade da sua casa chegando a prejudicar os visinhos com os carros, na occazião da tiragem destes estrumes.

Este prejuizo dos carros é só com os visinhos, e então que procuram pelos meios competentes a reparação; mas dos que resultam á saude publica desses focos é que nós com franqueza confessamos que não sabemos (aqui em Aveiro) a quem compete providenciar.

A queixa ahi fica, mas desconfiamos que não será attendida porque bóle com Vinagres que são acidos para uns e dulcissimos para outros.

Talvez seja mister dicidir primeiro a questão de competencias, mas em quanto a não decidirmos pedimos a alguma alma caritativa que olhe por isto e os faça, se para tanto tiver poder, remover dali.

Alem dos depositos d'escasso do tal Vinagre, tambem se queixam d'outros que sendo menores, nem por isso exalam menos cheiro.

Descurando-se causas tão antihygienicas e assim mesmo havendo saude, não é temeridade o dizer, que Aveiro e a terra mais salubre do paiz.

**Arraial na Torreira.**—Foi no domingo passado a apregoada festa do S. Paio, da Torreira, a que costuma concorrer immensa gente de todo este littoral. Este anno não foi a concorrencia menor, e as festas não diminuíram do seu ruidoso brilhantismo.

Antigamente, neste arraial havia sempre, pelo menos, uma morte, e abundancia de braços e cabeças partidas. Porem ha muitos annos que ali não ha desordem de vulto, e ás voses nem um *bofetão*.

E' nisto cremos nós que se reconhece a obra lenta mas innegavel da civilisação.

**Outro arraial em S. Jacintho.**—Agora é o tempo dos arraiaes e romarias á beira mar—tempo de folguedos e danças para as salineiras, e marnotos, para as raparigas e rapasas da beira-mar.

No domingo 22 será a romaria da Senhora das Arcias, na costa de S. Jacintho, e que recomeçou o anno passado com a reedificação da elegante capella que ha naquella costa com a invocação da Senhora.

No logar competente vai o annuncio que descreve a festa, e convida para ella a concorrencia dos amadores e devotos.

**Romaria.**—No domingo proximo passado teve logar em Perrães a romaria de N. Senhora das Febres, que ali costuma fazer-se todos os annos por esta occasião.

Na vespera houve grandes festejos: — encamisadas — fogos d'artificio, e do ar,—illuminação na frente da capella, — musica d'Agueda, e tocando nos intervalos a *musica do Tápiço* de Ilhavo.

No dia houve missa a instrumental, e sermão, que foi prégado pelo red.º sr. Pinto Ferrão, que agradeou.

Em seguida teve logar a procissão com a costumada decencia. — Tanto na vespera como no dia houve bastante concorrencia.

Houve tambem neste dia a costumada feira, tendo logar algumas transacções na dos gados, constando-nos que excederam as do anno passado.

**Nomeação.** Acha-se despachado escriptivo effectivo da meza grande da alfandega grande de Lisboa o sr. Nazareth, que foi ha tempos digno e zeloso director da alfandega do Porto.

**Lugar vago.**—Está a concurso o logar de escriptivo deputado da junta de fazenda da provincia d'Angola, com o ordenado annual de 1:600,3 réis e emolumentos calculados em 400,000.

**Renuncia regia.**—Verificou-se na segunda-feira no paço das Necessidades a cerimonia

da renuncia da serenissima infanta D. Antonia podesse vir a ter a coroa de Portugal.

**Patriotismo.**—O sr. visconde de Condeixa, residente no Rio de Janeiro, obteve dos seus amigos n'aquella corte uma subscrição para o monumento do principe dos poetas portuguezes. Somma esta em 6:070\$000 réis.

**Pedido.**—Pedimos a quem competir que fiscalizem ou mandem fiscalizar uma couza que por ali se vende a 20 rs. o quartillo e a que chamão leite, mas que não é mais do que uma porção grande d'agua com pouco leite, e outras vezes leite a que já tiraram uma porção de manteiga e ainda leva agua.

Ora senhores, attendam por isto, olhem que é um grande roubo que se faz todos os dias aos consumidores deste genero.

**Fallecimento.**—No dia 9 do corrente, pelas 4 horas e meia da tarde, falleceu o doutor Vicente Ferreira Vidal, medico do partido da municipalidade do Pinheiro da Bemposta, onde residia, e cujo logar exerceia ha 51 annos.

Este prestavel cidadão deixou naquellas localidades muita saude, e aos seus parentes uma profunda dôr:—foi um bom filho, bom irmão, bom parente, e bom amigo:—a sua conducta foi exemplar, e a sua consciencia pura:—era muito religioso, e a sua morte foi a do justo; soffreu resignadissimo a sua grande enfermidade, e circumstancias da decrepitude, completando 82 annos no dia 6 deste mez.

Foram-lhe prestados por todas as pessoas daquella localidade todos os serviços de que elle e sua sobrinha careciam, e com especialidade o rd.º prior da freguezia, e os srs. doutores Evangelistas, sobrinho e thio.

Um seu sobrinho que presenciou estas finezas, e que nos envia estas linhas, toma parte activa nestas provas de verdadeira amizade, que o penhoraram, e pelo que protesta uma eterna gratidão.

**Theatro em Ilhavo.**—A sociedade dos artistas ilhavenses tenciona levar á scena no Domingo 15 do corrente a segunda representação do drama *Os homens de Marmore*—e a comedia em um acto ornada de complets—*O Anjo e Demonio*.

Esperámos que haja concorrência

## CORREIO

LISBOA 11 DE SETEMBRO

(Do nosso correspondente.)

*Panitet me.* Enganei-me, e enganei-o. Foi involuntariamente, acredite. Não houve má intenção, mas o peccado cometeu-se, e por isso peço perdão.

Disse-lhe na minha ultima correspondencia, que a nossa politica domestica estava em ferias. Foi um erro. A politica trabalha activamente. Alem de não descontinuarem os boatos de modificação ministerial, ha dissidentes pronunciados no arraial historico, existem amôus serios entre os antigos partidistas da regeneração, e trata-se de constituir um terceiro partido.

Em que virá a dar todo este movimento, e quaes serão os resultados que poderá produzir, não sei; o que posso afirmar é que tudo isto mostra vida e actividade nas fracções politicas. Sómente o denominado partido conservador, restos da antiga parcialidade cartista, parece não entrar ostensivamente nestas combinações e transformações que se preparam.

A dissidencia entre os historicos procede da questão religiosa. O *statu quo* em que se conserva o negocio das irmãs da caridade, e a demora que tem havido em resolver o requerimento da commissão italiana, para os suffragios por alma do conde de Cavour, são as causas a que se attribue as divergencias historicas. A annullação do sr. Fontes, e talvez a de mais algum caracter iminente do grupo da regeneração tras divididos amigos politicos, que estavam unidos desde 1851. Este facto não é segredo, nem o podiam ser para os intendidos nestas materias; bastava considerar a situação e a linguagem da *Revolução de Setembro*, e a polemica que está sustentando com a *Liberdade* e o *Portuguez*.

Quanto á formação do terceiro partido, é ella um facto incontestavel. Tem havido repetidas conferencias, e espera-se brevemente appareça o programma do novo partido, acrescentando-se que haverá um meeting.

A gente da *Democracia* também se desaveio, como terá visto pela declaração do Xavier de Quadros, publicada nos jornaes d'aqui. O que se vê de tudo isto é que os espiritos politicos não estão socegados.

Temos amanhã o casamento da sr.ª infanta D. Antonia. O programma para esta solemnidade real foi publicado no *Diario* de segunda-feira, e no de hontem vem declarado que na noite do proximo sabbado ha recepção no paço, para festejar este acontecimento. Mas, alem dos actos solemnes e officiaes, ha na sexta-feira um sumptuoso baile, dado pelo ministro da Prussia, e no sabbado de tarde ha parada no Terreiro do Paço.

A princeza D. Antonia mostrou-se muito comovida no acto de assignar as escripturas, e a renuncia de todos os direitos por sua parte e pela dos seus descendentes á coroa de Portugal. Semelhante commoção é muito natural. A linda infante demorar-se ha poucos dias entre nós, pois me consta que sairá de Lisboa no dia 17 do corrente. Deus a leve em bem, e a faça muito feliz.

Os empregados publicos apanham cinco dias seguidos de feriado. Não é má pechincha. Também os operarios dos arsenaes tem o seu feriado, sem perderem vencimento. Isto será no dia do casamento. É um acto muito bem intendido.

Entre as condecorações que serão distribuidas por occasião do consorcio dos principes, conta-se já como contemplado com a Gram Cruz da

Agua Negra da Prussia, o sr. marquez de Loulé.

Parece que brevemente teremos outro casamento na familia real. Um telegramma de Turin do dia 6 falla no consorcio d'uma filha do rei Victor Manoel com um infante de Portugal. Se o casamento se effectuar, como tenho dados para acreditar que sim, a princeza da Saboia será mais do que infanta de Portugal, será rainha, pois o noivo é el-rei o sr. D. Pedro 5.º Politicamente considerada, parece-me muito acertada a escolha.

Dou-lhe parte de que já vi em companhia do sr. D. Fernando um homem que o excedia em altura. Hontem á noite o sr. D. Fernando andou pelo passeio com um estrangeiro, que me disseram ser allemão, que era mais alto do que S. M. Olhe que não haverá muitos que possam blasonar-se desta circumstancia.

O regimento d'artellheria n.º 2 foi fazer exercicio ao campo das Silezias, em Belem. Trabalhou com a maior perfeição, e executou as manobras com admiravel precisão. Todos quantos viram aquelle exercicio ficaram muito satisfeitos, e el-rei, em demonstração da sua satisfação, elogiou o corpo, e mandou distribuir vinho por todos os soldados.

Consta-me que o sr. Souza Monteiro, redactor do *Bem Publico*, se prepara para responder no seu jornal ao escripto do sr. Augusto Soromenho. Se assim for, creio que teremos polemica duradoura.

Reunio-se hontem nos paços do concelho a commissão dos quarenta. A commissão occupa-se activamente de levar ao cabo a sua missão, e manifesta-se em todos os seus membros o maior desejo de a cumprirem com dignidade. A estação opõe-se a que os trabalhos possam continuar com maior promptidão, pois muitos dos membros da commissão estão fora de Lisboa. Entretanto, a vontade não pode ser melhor, nem maior. Na proxima terça-feira ha nova conferencia.

Hoje pelas 6 horas o presidente e os engenheiros da camara municipal irão fazer uma victoria ás obras da Praça de Camões. Queira Deus que desta victoria se tire bom resultado, e que possam emendar-se os erros d'arte que, até os menos versados em architectura, tem notado naquella construcção. Seria uma vergonha senão emendassem, e remediassem completamente erros tão palmares.

A corrida de toiros, por curiosos, que se tenciona fazer no dia 18 na praça do Campo de Sant'Anna, será apenas, como ouvi dizer, um simulacro dos divertimentos daquelle genero que tem havido nesta cidade. Embora seja cavalleiro o sr. conde de Vimioso, faltam os antigos curiosos, que tanto abrihantaram aquellas corridas.

A theoria das compensações é uma grande verdade. Agora se realiso o principio na segunda regata de domingo. Quem diria ao yacht *Corsa*, vencedor no antecedente certamen naval, que ficaria vencido neste ultimo? Pois ficou, e tão vencido que, sendo o ultimo a chegar á ballisa, tiveram os tripolantes de pagar o jantar aos de todos os outros yachts que entraram na contenda. Desta vez venceu o *Pet*. São cousas deste mundo!

É digam lá que não estamos no seculo do progresso! O seguinte facto, acontecido no Limoeiro, mostra que também por cá ha menino bonito que sabe aproveitar o tempo e a occasião. O preso José Antonio Lourenço Sentulho, condemnado a degredo para a Costa d'Africa desejou uma consorte que o acompanhasse na desgraça. Procurou e encontrou a senhora Anna Joaquina d'Oliveira. Que dedicação amorosa, e que abnegação sentimental! Mas a estes santos desejos oppunha-se a despeza que era necessario fazer com os papeis indispensaveis para o casamento, e o noivo ou não tinha dinheiro, ou, se o tinha, não o queria gastar em papelada. O apuro era grande, mas nunca faltam almas caritativas que acudam nas afflicções. Arranjaram-se as certidões e mais papeis, e tudo estava prompto lá. O carcereiro desconfiou de tanta presteza, e das indagações a que procedeu, conheceu-se que toda a papelada era falsa. Um homem muito habilidoso, por nome José Diniz, e que também está preso, foi o auctor da gentileza caligraphica. Por 2\$400 réis arranjou a certidão do baptismo da noiva, que era de Lixa, arranjou os proclamas no Porto, com os competentes reconhecimentos dos tabelliães da quellas terras, e tudo isto com tal perfeição, que diz a *Revolução* de hoje chegou a illudir tabelliães daqui, que reconheceram os suppostos signaes dos seus collegas do Porto e Lixa.

Todos admiram a habilidade e perfeição com que o tal sr. Diniz escreveu em cinco caracteres diversos. Coitados! metteram-se em boa os taes miliantes.

Chegou hontem mais um padre lazarista. É mr. Hebert, veio no paquete francez de Saint Nazaire. A proposito de Saint Nazaire; nas docas deste porto declarou-se, infelizmente, a febre amarella, tendo já havido bastantes casos daquella terrivel enfermidade.

Faz hoje um anno que falleceu a sr.ª marquez de Fronteira. Houve hoje suffragios na capella de S. Domingos em Bemfica, por alma daquelle nobre dama. Alguns amigos dos mais intimos do sr. marquez de Fronteira concorreram a esta solemnidade religiosa. Depois da morte de sua esposa e da de seu irmão, D. Carlos de Mascarenhas, o sr. marquez de Fronteira vive muito triste e retirado na sua casa de Bemfica.

Dois jornaes desta cidade tem fallado muito contra a projectada readmissão no governo civil d'um antigo empregado, que foi demittido em 1851 daquelle repartição. Creio que se referem ao sr. Agostinho José Pereira, que no tempo do ministerio transacto exerceu as funções de secretario geral no districto de Villa-Real, logar de que foi exonerado pelo sr. marquez de Loulé.

Se contra aquelle individuo não existem factos que deponham contra a sua honra, como empregado, afiguram-se-me deslocaças estas aggressões, porque a tolerancia politica é hoje um dever dos governos, e não fica bem á imprensa, que se diz liberal, concorrer para que deixe de fazer-se uma justa reparação. Se contra o sr. Pereira ha queixas fundamentadas, e alieias a opiniões politicas, e readmissão não era louvavel.

Rubio, o cumplice do celebre Orsini no attentado contra o imperador Napoleão 3.º, e que fôra degradado para Caienna, logrou escapar-se do exilio, e lá está em Inglaterra fazendo alarde do attentado, e dizendo-se prompto para repetir o acto.

Andaria o ouro inglez neste negocio? Daria a Inglaterra abrigo áquelle conspirador audacioso, e conservará no territorio inglez aquelle leão politico como uma ameaça contra o monarcha francez?

A historia diz-nos claramente como a Inglaterra entende a politica; o futuro nos esclarecerá sobre este ponto, muito escuro ainda.

## EXTERIOR

Extractamos dos jornaes ultimamente recebidos os seguintes telegramas:

—Da «Chronica dos dois mundos»:

«Pariz 5.—Attribue-se o folheto que neste momento está chamando a attenção, ao governo sardo; mas afirma-se que foi feito de accordo com o desta capital.»

«Turin 5.—Está o governo em negociações com o de Pariz para supprimir os passaportes, assim para ir de França á Italia, como de Italia á França.»

«Pariz 6.—A *Patrie* assegura que são excellentes as relações entre os governos de França e Hespanha.»

«Londres 4.—Segundo o *Times*, a diplomacia projecta collocar D. João de Bourbon, ou o sr. Petterson Bonaparte, á frente do governo mexicano.»

«Londres 6.—O *Times* propõe uma intervenção no Mexico feita pela Inglaterra, França, Hespanha e os Estados-Unidos, para estabelecer uma monarchia constitucional naquelle paiz.»

—Da «correspondencia de Hespanha»:  
Londres 3.—O *Times* diz que o folheto publicado em Pariz e intitulado *O imperador, Roma e o rei de Italia*, é um verdadeiro manifesto.

Continua a confusão em Washington. Muitos presos accusados de traição. Novas capturas pelos corsarios do sul. Continua agitação na Lithuania.»

Recebemos noticias d'Habana até 16 de agosto ultimo. Nesta data os assuceres tinham subido a um alto preço, e ainda a muito mais tinha subido o cambio sobre Londres.

O governador de Cuba (general Serrano) tinha hido a S. Domingos, aonde organisára a administração da nova provincia hespanhola, deixando reguladas as principaes questões. Dirigiu, antes de partir, uma energica proclamação aos habitantes, e embarcou-se no dia 10 para Cuba.

O general Santana, antigo presidente, ficára em S. Domingos de capitão-general; achava-se enfermo, mas não gravemente.

Foi nomeado segundo chefe de S. Domingos o brigadeiro Telaez, e o commandante Rivera, secretario da capitania-general.

O brigadeiro Buecta foi nomeado governador de Sanamá.

A situação do Mexico era a mesma. O congresso rejeitára o projecto de amnistia. O general Ortega persegue os reaccionarios.

A Inglaterra e França suspenderam as suas relações com o Mexico.

Era esperado brevemente na Habana o general Serrano, de regresso da sua viagem a S. Domingos.

Dizia-se que em virtude de ordens e instrucções enviadas de Madrid ás provincias do reino visinho, ao primeiro annuncio official de se intentar a reforma da constituição, o partido democratico de toda a Hespanha dirigirá ao congresso uma exposição, pedindo-lhe o suffragio universal.

## MOVIMENTO DA BARRA Aveiro 7 de setembro

ENTRADAS

PORTO, Hiate port. Dois Irmãos, cap. M. A. G. Netto, 7 pessoas de tripulação, lastro.

VILLA DE CONDE, Hiate port. Conceição Feliz, cap. F. d'Oliveira, 7 pessoas de tripulação, lastro

PORTO, Hiate port. Novo Atravido, cap. M. Marques, 7 pessoas de tripulação, ferro.

VIANNA, Rasca port. Correo d'Aveiro, cap. J. Simões, 9 pessoas de tripulação, 1 passageiro, pipas vazias.

Em 8

LISBOA, Rasca port. Assumpção, cap. M. C. Valverde, 7 pessoas de trip. fazendas da praça

Em 9

PORTO, Rasca port. Victoria, cap. L. da Silva, 10 pessoas de tripulação, lastro.

IDEM Rasca port. Flor d'Aveiro, mestre A. J. Diniz, 9 pessoas de tripulação, ferro.

ESPOZENDE, Hiate port. Nova União, cap. J. da Rocha, 8 pessoas de tripulação, lastro

Sahidas em 6

PORTO, Hiate port. Lealdade, cap. M. F. Pinto, 8 pessoas de trip. sal

IDEM Hiate port E' Segredo, cap. A. N. Ramizote, 7 pessoas de trip. sal

ESPOZENDE, Hiate port. Feliz Destino, cap. J. da Rocha, 7 pessoas de tripulação, sal

PENICHE, Hiate port. Deus Sobre Tudo, cap. J. S. Ré, 6 pessoas de tripulação, sal

Em 9

PORTO, Hiate port. Fenix, cap. J. Nunes, 8 pessoas de tripulação, sal

IDEM Hiate port. Razoilo 1.º, mestre M. R. Sacramento, 8 pessoas de tripulação, sal

IDEM Hiate port. Nova União, cap. J. F. Mammo, 6 pessoas de tripulação, sal

ESPOZENDE, Bateria port. Adelaide, mestre J. P. dos Santos, 6 pessoas de tripulação, sal

PORTO, Rasca port. Moreirar, mestre L. Henriques, 9 pessoas de tripulação, sal

IDEM Rasca port. Patusca, mestre G. F. dos Santos, 7 pessoas de trip. sal

IDEM Rasca port. Conceição d'Aveiro, mestre F. de Mattos, 9 pessoas de trip. sal

IDEM Calique port. Perola do Vouga, mestre M. Vicente, 6 pessoas de trip. sal

ALICANTE, Escuna port. Feliz Conceição, cap. L. A. Martins, 7 pessoas de trip. madeira de pinho.

PORTO, Bateria port. Olho Vivo, mestre D. d'Angelica, 7 pessoas de trip. sal

Entradas em 12

PENICHE, Hiate port. Deus Sobre Tudo, cap. J. S. Ré, 6 pessoas de trip. lastro

IDEM Hiate port E' Segredo, cap. A. N. Ramizote, 7 pessoas de trip. lastro.

CAMINHA, IATE port. vez d'Outubro, cap. J. J. da Silva, 8 pessoas de trip. lastro

Sahidas em 10

CEZIMBRA, Calique port. Bom Fim cap. M. Paulo 8 pessoas de trip. sal

PORTO, Hiate port. Santa Cruz cap. A. d'A. Laborinho, 8 pessoas de trip. sal

VIANN, Rasca port. Senhora do Pilar, cap. S. S. Marques, 8 pessoas de trip. sal

IDEM Rasca port. Santa Maria, mestre J. J. de Mattos, 10 pessoas de trip. sal

Em 11

PORTO, Hiate port. Lançeiro, cap. A. T. Paes, 7 pessoas de trip. sal

VILLA DE CONDE, Hiate port. Conceição Feliz, cap. F. d'Oliveira, 8 pessoas de trip. sal

## ANNUNCIOS

E PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

### NOVO METHODO

PARA APRENDER A LER.

Adaptado á soletração e não-soletração.

Per J. Ramos Paz.

Approvado pelo conselho superior de Instrução Publica.

QUARTA EDIÇÃO.

Preço. . . . . 40 rs.

Vende-se em *Vianna do Castello*, em casa do auctor. — Em *Lisboa*, no Collegio de Nossa Senhora da Conceição, rua da Esperança n.º 101 A. — No *Porto*, em casa do sr. D. Ignacio Correia, rua de Bellomonte n.º 2 e 4. — Em *Braga*, em casa do sr. Germano J. Barreto, &c.

Nesta redacção tomam-se encomendas para esta obra e sendo de grande porção faz-se um abatimento de 20 por cento.

**O** juiz, officiaes e mordomos devotos de Nossa Senhora das Areias tem determinado fazer a festividade da mesma Santissima Senhora no domingo 22 do corrente mez de setembro, havendo na vespora á noite illuminação, musica, fogo do ar e preso; e no dia missa solemne, a musica e sermão e em seguida procissão, para a qual seram convidadas as irmandades do Santissimo e do Senhor Jesus do Bemdito da freguezia da Vera Cruz. O que assim se annuncia para conhecimento de todos.

Vendem-se no escriptorio de Peireira & Filho, rua dos Mercadores n.º 9 pezos do novo systema em series de 20 kilogramas até  $\frac{1}{2}$  hectogramma a 5\$000 rs. cada serie.



Segue viagem

DO PORTO

PARA O RIO DE JANEIRO

A barca Portugueza

**CRUZ QUINTO.**

A SAHIR NOS FINS DE SETEMBRO

E' bem construida, e forrada de cobre, e com excellentes commodos para Passageiros, os quaes serão bem tratados dando-se-lhes almoço, jantar, e ceia, Cirurgião a bordo; Recebem-se passageiros a pagar aqui ou no Rio de Janeiro, e para isso trata-se com Antonio Pereira da Cruz, em Cima do Muro, do lado da Ponte, n.º 39 e 40, e em Aveiro com Preira & Filho.

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto d'Aveiro.